O uso destes aparelhos eletrônicos tem sido usado por muitos familiares para facilitar na rotina diária, deixando a criança "hipnotizada" com jogos, filmes e desenhos. Mas estudos mostram que até os dois anos de idade não é recomendado o seu uso, e após esta idade e até a adolescência pode se deixar a criança brincar com tablets, celulares e computadores por apenas duas horas por dia. Assim, a tecnologia não vai afetar de modo negativo o desenvolvimento infantil e irá incentivar as brincadeiras tradicionais que também traz muitos estímulos a criança.

Dentro deste período de duas horas, podemos inserir nas vivências das crianças, aplicativos com jogos, músicas e brincadeiras pedagógicas, que tragam algum ensinamento para elas. Estudar e analisar o que seu filho irá assistir e interagir é o primeiro passo para que o entretenimento virtual faça parte da rotina infantil de modo positivo.

Ana Teberosky acredita que o material já usado pelo professor deve ser enriquecido com o material diverso presente no mundo virtual e diz:

"A maioria das crianças tem acesso a celulares e computadores, portanto, a quantidade de informações que esses meios digitais oferecem é muito maior que uma simples conversa ou diálogos presentes em livros"

Sendo assim, de acordo com a faixa etária, é possível encontrar aplicativos que ensinam também valores e as relações sociais como o respeito ao próximo, o autoconhecimento, a importância do diálogo, da verdade e da cultura presente em nosso país. Desta maneira, se pode usufruir do mundo virtual com métodos lúdicos e de modo responsável, visando à assimilação de novos conhecimentos e a preparação para aprendizagens futuras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo deste artigo sobre a leitura e a escrita na infância, foi elaborado através de estudos recentes e reflexões relevantes. Desta maneira pude melhorar os meus conhecimentos a respeito do tema abordado, relacionar e comprovar as hipóteses iniciais.

Todo o estudo foi muito enriquecedor para compreender que as relações na infância, dentro e fora do ambiente escolar, têm grande relevância para o desenvolvimento da capacidade leitora e escritora.

No estudo de caso, foi visto que usar o interesse da criança de forma lúdica para mostrar o novo, faz com que facilite novas descobertas. E outras, podem não ter o mesmo resultado devido à falta de estímulos das pessoas que a cercam quanto do ambiente. Mas com responsabilidade e afeto é possível mudar as atitudes e obter um melhor desempenho e integração da criança.

Portanto, a melhor maneira para incentivar a leitura e a escrita nas fases iniciais é sempre de modo acolhedor, tranquilo, motivador e seguro, que respeite as particularidades de cada um e a sua realidade.

## REFERÊNCIAS


ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT, Rio de

Janeiro. Normas ABNT sobre documentação. Rio de Janeiro, 2000. (Coletânea de normas).

INÁCIO, Debora P: Consciência fonológica e alfabetização. Universo, 2016.

Disponível em:

http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1955#.V0nYylQrLU

PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA. Resumo: Necessidade da leitura no processo ensino/aprendizagem. 2013. Disponível em:

http://pedagogiaaopedaletra.com/necessidade-da-leitura-no-processoensino-aprendizagem/.

PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA. Monografia: A criança e a construção da escrita, 2014. Disponível em: http://pedagogiaaopedaletra.com/a-crianca-e-aconstrucao-da-leitura-e-escrita-2/.

DINIZ, Melissa. Uso de eletrônicos e falta de estímulos dos pais atrasam a fala da criança. São Paulo, 2016. Disponível em:

http://mulher.uol.com.br/gravidez-e-filhos/noticias/redacao/2016/01/03/uso-de-eletronicos-e-falta-de-estimulos-dos-pais-atrasam-a-fala-da-crianca.htm.

FINKELSTEIN, Paula. A leitura e a escrita no universo psicopedagógico. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://direcionaleducador.com.br/edicao117-out/14/psicopedagogia-a-leitura-e-a-escrita-no-universo-psicopedagogico.


# A PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS ESCOLAS


LUCIANA LIMA RODRIGUES


## RESUMO


A formação de leitores na escola sugere a princípio algo que se processa de forma

simples e fácil, porém, o que se revela é o contrário: a escola, como campo central na formação de leitores requer, neste sentido, uma ampla visão de estratégias, o que torna o processo algo desafiador no sentido da apropriação da leitura pelos alunos em geral. A escola como espaço democrático de viabilização dos saberes deve buscar formas para fazer com que o aluno tenha a oportunidade de se tornar um leitor crítico, ou seja, um leitor que use meios para chegar à essência e interpretação das leituras que faz. O trabalho aqui apresentado vem, por meio de concepções, ideias e hipóteses, além das citações de autores que em suas obras discutiram sobre o ato de ler, colocar a escola como o centro das ações voltadas para essa competência leitora. Competência esta que urge sair da mesmice dos métodos tradicionais de ensino que preocupados com a eficácia da resposta certa e objetiva, descartam os conhecimentos prévios dos alunos, suas vivências de mundo e suas possíveis leituras.

**Palavras chaves:** leitura, escola, prática, contação, arte.

## INTRODUÇÃO

"O importante é motivar a criança para a leitura, para a aventura de ler."

Ziraldo

A leitura é a base para o mundo contemporâneo, pois propicia enxergá-lo melhor, compreender a sociedade e a sua participação nela, refletir sobre si mesmo e sobre a vida, além de garantir acesso ao conhecimento sistematizado, sendo, portanto, formadora de cidadão crítico, sujeito de sua história.

A formação de leitores dentro da escola requer uma importante análise dos aspectos dos conceitos e das práticas de leitura nela envolvidas.

A escola como circulação de saberes mais democrático se torna o ponto de encontro entre livros e novos leitores, é o espaço no qual o contato, a apropriação e a interação com o conhecimento pelos alunos, em geral, ganha forma e estabelece um elo de grande importância para a formação de um cidadão crítico e autônomo para a vida.

As sociedades letradas de todo o mundo exigem novas práticas de leitura e escrita para dar conta não só da "cultura do papel", mas também da recente "cultura da tela", representada pelos meios eletrônicos.

Neste mundo, ser alfabetizado é insuficiente para usufruir da plena cidadania. A escrita, no entanto, parece ficar restrita ao meio escolar, enquanto fora dela a mídia promove o nosso lado visual, principalmente através da televisão, forma de comunicação predominante, pois privilegia a manipulação social em massa.

Situar a escola nesse grau de importância para o aluno e na sua formação como leitor, mais especificamente, é tomar consciência do seu enorme valor no que se refere à democratização de conhecimentos, saberes e cultura.

E, assim, situando-a, é relevante dizer o quanto as interações, relações e trocas estabelecidas e disseminadas nela desenvolvem a capacidade cognitiva dos indivíduos; estruturam e fundamentam conhecimentos de todo o tipo desde aspectos construídos cientifica como culturalmente.

Um plano de leitura deve envolver a leitura e a escrita como meios de compreender e aprender o que julgarmos indispensável para a realização de uma atividade, a formação de atitude e/ou valores e para a construção de conceitos.

Ler exclusivamente para desenvolver habilidades de leitura não leva a lugar algum, portanto, consideramos a leitura uma atividade interdisciplinar que precisa sim ser trabalhada, mas acima de tudo deve estar aliada à prática social em situações relevantes para os educandos.

Discutir a contribuição da escola neste trabalho significa mostrar e relacionar o valor desta para com a formação de leitores críticos e competentes.

### A Prática de Contação de Histórias nas Escolas

A leitura deveria ser o centro de projetos interdisciplinares a fim de que se possa desenvolver o letramento de forma plena, pois o aluno terá acesso a uma grande variedade de textos em diferentes situações de uso, além de observar a leitura de um mesmo texto de diversas formas, percebendo como cada disciplina extrai informações pertinentes a seus conteúdos.

Segundo SILVA, (1998) se é relativamente fácil constatar a presença da leitura na escola, torna-se um pouco mais difícil discutir as condições concretas de produção da leitura, nesse contexto. Mais especificamente, a importância e a necessidade do ato de ler, para professores e alunos, são irrefutáveis, porém é necessário analisar criticamente as condições e as formas pelas quais esse ato é conduzido no contexto escolar. O discurso e o bom senso nos mostram que a leitura é importante no processo de escolarização das pessoas; os recursos reais para a prática da leitura na escola podem, entretanto, contrapor-se àquele discurso, pois que revelam a condição de sua possibilidade. Assim, a dimensão quantitativa e a dimensão qualitativa do processo dependem da existência de condições escolares concretas para a sua produção.

Realizar a mediação e não somente colaborar para a transferência de saberes

seria um dos pontos fundamentais para a articulação de estratégias de leitura. Professor e aluno certamente têm suas características próprias, porém, numa interação necessária, caminhariam na tentativa de buscar respostas para alguns dos questionamentos acerca do processo de constituição de leitores.

No ambiente escolar, a leitura atrela-se a atividades cansativas e na maioria das vezes ineficientes: cópia, exercícios, questionários, resumos, atividades gramaticais dentre outras tantas. O professor é quem decide o tema, o texto, as atividades e a forma como a leitura deve ocorrer. Ao aluno resta procurar a resposta que o professor quer ou a que o livro didático determina como certa, portanto, nada cria, nada analisa, nada critica, torna-se passivo e manipulável. Kleiman e Moraes (2002, p.56) fornecem um painel da prática da leitura no ambiente escolar:

O fazer do aluno nas atividades de leitura e de redação é uma eterna preparação para atividades de fato significativas: ele decifra para aprender a compreender; oraliza o texto para aprender a ler silenciosamente; fragmenta, corta, destrinça em múltiplos pedaços para achar um tema ou uma idéia central, para construir um sentido; tem que ler o texto adotado pelo professor para desenvolver o gosto individual pela leitura e a relação estética, de prazer e intimidade com o texto; faz uma interpretação cerceada pela interpretação do professor ou do livro didático; interpreta sem ter lido. Tal fazer de conta é justificado pelo fato de que a escola é "preparação para a vida futura". (KLEIMAN E MORAES, 2002, p.56)

Segundo KLEIMAN (2001), um trabalho pedagógico realizado pela escola, exige inúmeras formas de mediação do educador estabelecendo um maior conhecimento e interação do educando, sem que haja uma simples transferência de conhecimentos do professor para o aluno.

A escola é o espaço que propicia ao sujeito vivências que o capacitará na compreensão de mundo. Portanto, é preciso que a leitura e a escrita sejam entendidas como meios da autonomia, de promover a participação e a atuação na sociedade, essenciais para alterar a realidade vivida.

Antes de embarcar num processo de leitura estático com um fim em si mesmo e sem significação para o aluno, o professor e todos envolvidos necessitam rever o processo de leitura sob um prisma mais amplo, como: o conhecimento prévio que cada leitor possui os objetivos e expectativas de leitura, as estratégias de processamento do texto e a interação na leitura de textos.

Para FREIRE (1989) "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquele (...). Este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos".

Necessita-se exercitar e muito a leitura para que o aluno atribua significados àquilo que lê, para que ele se familiarize com vocábulos da área, com a estrutura gramatical da língua, enxergue além das palavras, construa "um repertório de enredos, de personagens, de raciocínios, de argumentos, de linhas de tempo, de conceitos que caracterizam as áreas de conhecimento" (GUEDE; SOUZA, 2007, p. 20) para habilmente circular pelo mundo da escrita, lendo texto de todos os tipos, encontrando, assim, ao longo de sua existência um significado para a leitura, fazendo dessa prazer e necessidade (GUEDES; SOUZA, 2007).

Nas palavras de BAKHTIN (1979): "Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregadas de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Segundo KLEIMAN (2001), não se pode construir o gosto pela leitura em uma criança sem atividades motivadoras, principalmente, para aquelas marcadas pelos ambientes em que a oralidade faz parte do seu cotidiano e sem conhecimento e comprometimento com a importância de se aprender a ler.

Segundo MORAIS (1995), uma das formas relevantes (métodos de ensino) é ter um grupo docente mais qualificado, outra forma seria a de uma política educativa ou

"re-educativa" e até mesmo preventiva, que não se limite à escolha de um método único para toda classe, evitando, assim, uma seleção cultural- sócio - econômica.

O professor tem e sempre terá papel de mediador nesse processo que é a apropriação da leitura pelos alunos, portanto, consciente dessa atuação, ele conduzirá essa busca de forma mais significativa possível para o aluno.

Para FREIRE (1989), "as palavras deveriam vir carregadas da significação de sua experiência e não da experiência do educador". Também segundo este mesmo autor, a insistência na quantidade de leituras sem o devido aprofundamento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela, uma visão mágica da palavra escrita. "Visão que urge ser superada". Porém, o autor sente o dever de destacar que sua crítica em relação à quantidade de leituras nada tem a ver com uma atitude pouco responsável da parte dele com relação à necessidade que todos, educadores e educandos, têm de ler sempre e seriamente os clássicos neste ou naquele campo do saber, de todos adentrarem nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabiliza-se a prática enquanto professor e estudantes.

Ao pedir, por exemplo, que um aluno leia e interprete um poema, sem que haja uma contextualização, uma apreciação estética, sem prazer ou afetividade, o texto fica limitado, engessado, frio, sem significado. Sugestão de um jogral, viabilizaria um outro resultado, sem a preocupação de dizer o que o professor precisa e quer ouvir como certo.

Segundo FREIRE (1989 ) "Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto".

Na formação de leitores deve-se priorizar assuntos que os alunos considerem interessantes. Textos que permitam ao aluno suprir "sua necessidade de fantasia" (história de aventuras e de amor), que "dêem vazão aos seus sentimentos e os organizem" (poemas, contos de fadas), "que encaminhem sua curiosidade e forneçam base para dimensionar o mundo em que vivem" (notícia, reportagem, texto científico...) (GUEDES; SOUZA, 2007, p.20)

SILVA, E. (1998) também se refere à contextualização da leitura quando diz em sua obra que "se um texto, quando trabalhado, não proporcionar o salto do leitor para o seu contexto, e mais, se o contexto do texto lido não proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa ou busca se situar perde a sua validade(...)"

Os professores precisam envolver com os textos escolhidos e justificar clara e objetivamente cada opção. Devemos conhecer a origem do texto e o gênero textual a que pertencem. "Simplesmente 'mandar o aluno ler' é bem diferente do que envolvê-lo significativa e democraticamente nas situações de leitura, a partir de temas culminantes" (SILVA, 1991, p.49).

KOCH (2003) defende o ponto de vista de que o todo o texto é hipertextual, pois já carrega em si a possibilidade de realizar leituras múltiplas e de gerar uma compreensão de forma não-linear, uma vez que, as informações não são explícitas mas mobilizam uma série de conhecimentos partilhados e prévios dos leitores, fornecendo pistas para o desvendamento dos sentidos do texto.

O próprio texto se torna espaço de interação entre autor/produtor e leitor/interpretador, é nessa perspectiva que a construção do sentido se concretiza, a concretização passa de simples captação para uma atividade de interação.

KOCH diz que a experiência de mundo e o aprendizado escolar são instrumentos necessários à competência textual na distinção entre um gênero textual e outro.

Professores em geral devem planejar esquemas e práticas de leitura que levem os alunos a entender que a aquisição desta vai além da simples captação, vai além de decodificações, ela requer o conhecimento daquilo que não está explicito, identificação do implícito. Nesse sentido, é papel do professor de língua levar o aluno a saber fazer inferências corretas que um determinado texto oferece.

A prática de leitura amparada pela escola precisa acontecer num clima de maior liberdade, respeitando, inicialmente, o encanto ou o ódio de cada leitor pelo livro em questão. Ou seja, não se deve forçar toda uma sala à leitura de um mesmo livro, simplesmente porque tal obra é apropriada à faixa etária dos alunos (LAJOLO, 1997).

As tarefas de leitura e compreensão de texto deslocam o papel do professor, voltando-o para a realidade e a prática textual do aluno, exigindo desse profissional conhecimento das diferentes modalidades textuais, orais e escritas, de uso social.

Por conseguinte, o professor deve promover atividades que propiciem o conhecimento dos diferentes gêneros textuais através de apreciação e de reconhecimento das suas características formais e comunicativas, atrelando os seus efeitos comunicativos aos interlocutores nas situações reais de comunicação.

De acordo com o autor DUCROT (1972) " pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse". A pressuposição não representa algo explicitamente dito, ao pressupor, o locutor imagina que a informação seja de conhecimento do seu interlocutor, por exemplo, em: "Eu estou doente, mas lá fora está calor."

Para que o aluno desenvolva a capacidade leitora, crítica e competente, é necessário que as formas e estratégias de leitura se façam presentes e flexíveis e para tal o professor precisa inseri-las como elementos auxiliares neste processo.

Verificar, por exemplo, a existência de pressuposição na construção do discurso de determinado locutor contribui, segundo FIORIN (2007, P.241), para a formação de um leitor perspicaz, que é "aquele que consegue ler nas entrelinhas".

KLEIMAN(2001) diz que muitos professores " nunca tiveram uma aula sobre a natureza da leitura, o que ela é, que tipo de engajamento intelectual é necessário, em quais pressupostos de cunho social ela se assenta".

Para que haja a formação de leitores competentes e críticos o aluno precisa sentir se atraído pela leitura e este envolvimento não ocorre de forma aleatória, sem sentido, ela abrange aspectos que os próprios professores, mediadores dessa competência na escola, precisam refletir e se conscientizarem dentro da sua prática pedagógica. Precisa buscar formas e estratégias que despertem no aluno esse contato prazeroso.

Segundo KLEIMAN (2001) "um primeiro passo para a formação de leitores é a se-

dução, tornando a atividade de leitura o mais atraente possível...no entanto as estratégias de aproximação são inúmeras, exigindo diversos graus de engajamento cognitivo por parte do leitor."

Fazendo um paralelo entre autores diferentes é importante fazer uma comparação equivalente no que diz respeito à prática em sala de aula no que diz respeito à leitura feita pelos alunos, segundo FREIRE ,KLEIMAN e SILVA E.

FREIRE (1989), por exemplo, situa em sua obra "A importância do ato de ler" a questão da leitura em sala de aula como algo que pode e precisa ser modificado, fazendo uma crítica a algumas metodologias usadas neste processo: " Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes "leia", num semestre, um cem número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler".

KLEIMAN (2001) também se refere à metodologia dizendo que "a leitura feita em sala de aula é vista como decodificação, com isso não exige do aluno uma análise criteriosa do texto(...)" a concepção autoritária da leitura, que se dá apenas por uma única maneira de abordar e interpretar o texto, não levando em consideração que tanto o texto oral quanto o escrito são produtos de uma intencionalidade. A metodologia vislumbra o texto/leitura como instrumento do ensino da norma.

Segundo MARCUSCHI (2008.) (...) A escola trata o texto como um produto acabado funcionando como um container, onde se "entra" para pegar coisas. Mas o texto não é um puro produto nem um simples artefato pronto; ele é um processo e pode ser visto como um evento comunicativo emergente. Assim, não sendo um produto acabado e objetivo, mas um evento ou um ato enunciativo, o texto acha-se em permanente elaboração ao longo de sua história e das diversas recepções pelos diversos leitores.

SILVA (1998) diz que se privilegia-se o consumo rápido dos textos; não sobra tempo para a discussão das ideias, para a exposição das interpretações individuais e para a partilha das experiências geradas pela incursão nos textos."

É preciso que a escola e todo corpo docente esteja em constante movimento de reciclagem quanto ao processo de leitura concebida pelos alunos, conhecendo e adaptando estratégias, trabalhando e dialogando com outras áreas do conhecimento.

Como SILVA (1998) cita que o fenômeno equivocado de uma boa leitura não ocorre ao acaso e nem por culpa total dos estudantes ele é uma decorrência da não integração curricular entre as diferentes disciplinas oferecidas pela escola, que, além de desprezar as condições de produção da leitura por parte dos alunos, propõe uma verdadeira "enxurrada de livros e /ou apostilas" para o encaminhamento das aulas.

Como se nota o letramento deve e precisa estar inserido no contexto escolar fazendo com que métodos tradicionais de leitura sejam superados. Para KLEIMAN, uma criança quando é trabalhada com métodos tradicionais de leitura ficam limitados no processo de construção do conhecimento no ensino da leitura e da escrita e em consequência disso, a má formação da oralidade pode levar o leitor aprendiz a uma "cegueira" ortográfica e oral. Diz também que atividade árida e tortuosa de decifração de palavras que é chamada de leitura em sala de aula, não tem nada a ver com a atividade prazerosa de ler.

Memorizar não é o mesmo que obter significação profunda, por isso é que FREIRE (1989) diz que "a leitura de um texto, tomada como pura descrição de um objeto, feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala".

Ângela Kleiman diz que as estratégias de leitura podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases como também da maneira como manipula o objeto.

Compreender a escola como espaço principal na constituição de leitores é, além de refletir os aspectos que envolvem o processo da leitura, é observar como esta é concebida e organizada pedagogicamente pelo corpo docente, o professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem não deve ser passivo, nem acomodado e diante disso deve elaborar projetos, inovar e buscar metodologias que ampliem as possibilidades não somente da aquisição da leitura como também do uso desta em todas as áreas do conhecimento, assim de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a interdisciplinaridade e a transversalidade se baseiam na crítica de uma concepção que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado.

Segundo os PCNs, a escola contribui muito com o projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir com a realidade para modificá-la.

Para isso é importante notar que a leitura é a atividade-elo que transforma os projetos de um professor em projetos interdisciplinares e que o ensino e a prática da leitura, atividade constitutiva da aprendizagem deve fazer parte de todas as atividades da escola, e que todo professor, em última instância é um professor de leitura.